

Uma mostra de fotografia diferente para um tema crucial - por Fernando Costa Netto

Duas pesquisas – uma inglesa, outra austríaca – apontam que o organismo humano já apresenta traços de plástico no sangue. Ele invade o nosso corpo pela cadeia alimentar e pelos resíduos que se desprendem das embalagens, especialmente as de água, refrigerantes e sucos. As consequências em longo prazo e o que isso significa saberemos lá na frente. Outra informação relevante mostra que o microplástico, além de já ter contaminado os oceanos, também alcançou pontos improváveis do planeta, como os Pirineus, montanhas isoladas a 1.500 metros de altitude entre França e Espanha, quilômetros do povoado mais próximo. E pior, em doses semelhantes às das grandes cidades. Um terceiro dado que está mais para roteiro de filme de ficção tem como cenário o Oceano Pacífico. Há algumas semanas, uma expedição americana ao fundo do mar, às águas mais profundas já visitadas pelo homem, avistou sacolas e embalagens de balas a 11 mil quilômetros da superfície. Flutuavam desrespeitosamente avizinhas a peixes de profundezas e outros seres que nem sequer conhecemos. Os dados da invasão plástica do planeta são alarmantes.

Esta Mostra traz mais uma vez para a Vila Madalena imagens e dados que merecem reflexão. Mas, desta vez, voltados para uma causa, a do lixo plástico. Um dos trabalhos que mais chama atenção é sobre o lixo internacional. Garrafas PET, embalagens de suco e desinfetante, um pote de sopa e outros cadáveres plásticos que vieram de países como Japão, EUA, Jordânia, Senegal, Malásia repousavam da longa jornada à deriva nas areias das praias de fora de Fernando de Noronha. Não saberemos nunca se vieram com as correntes de seus países de origem ou se foram descartados de embarcações em alto-mar. Mas estavam lá, para permanecerem no nosso território por pelo menos 400 anos.

As empresas mais poluidoras do mundo têm nome, endereço e são grandes conhecidas de todos nós. Estão à disposição via Google. São grupos econômicos responsáveis por mortes em larga escala e destruição acelerada do planeta. Para se ter uma ideia, só no Brasil, quarto maior produtor de lixo plástico do mundo, são 2 milhões e meio de toneladas jogadas nos 8 mil quilômetros de costa todos os anos, e só pouco mais de 1% desse material é reciclado, de acordo com a WWF Brasil.

O poder da indústria ainda é forte, mas o monitoramento de organizações apoiadoras deste evento, como a ONU Meio Ambiente, WWF e FAS (Fundação Amazonas Sustentável), alerta: ou mudamos o hábito ou as cidades e mananciais em breve estarão esgotados. Afirmção desoladora é a de que em 10 anos a expectativa da indústria é dobrar a atual produção.

Em 2019, colocamos essa causa para guiar o nosso trabalho. As quase 30 exposições, mesas de conversas e outras atividades têm foco nesse problemão. O

plástico descartável tornou-se uma mercadoria delinquente que precisa ser acompanhada, controlada e combatida. Ao mesmo tempo que mata, é disponibilizada nas prateleiras em embalagens cheias de design, mensagens fofas, divertidas, inteligentes.

Agradecemos a todos que estão dividindo conhecimento e responsabilidade nesta empreitada com a gente. Em especial, o vereador Xexéu Tripoli, que dedica o primeiro mandato na Câmara dos Vereadores de São Paulo para estudar e colocar na pauta da Casa o tema, e Paulina Chamorro, jornalista e importante voz ambiental do Brasil, uma das curadoras da 9ª Mostra.

Para nós, é um privilégio promover este debate, tão urgente quanto inédito em uma Mostra Nacional de Fotografia.